



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Enc. teleg. Lisboa - Lisboa • Telefone: 2
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PROPAGANDA NA PROVÍNCIA OS COMERCIANTES E A LEI DAS 8 HORAS O OLHAR DUM "MORTO" A TUTORIA DA INFÂNCIA

Se é certo que a situação do operário na capital é desesperadora, não é menos certo que o proletariado da província vive em circunstâncias terríveis, ainda mais piores do que as que em Lisboa se verificam. Ganha-se pouco, isto sem que o custo da vida seja inferior ao de cá, antes se verificando por vezes precisamente o contrário. Além disso, não há tantas possibilidades de lutar com êxito para diminuir a exploração patronal, visto que, sendo representado em cada profissão por um pequeno número de indivíduos, é impossível constituir nem todas as localidades, sindicatos profissionais suficientemente fortes para impor com segurança salários mais elevados ou garantias que já há muito em Lisboa estão conquistadas.

Para tornar mais triste a situação do operário da província há ainda o facto de as autoridades que, por esse lado, aliás a mais densa estupidez, em espírito de tirania absolutamente intolerável. O regedor é, por via de regra, pior que o administrador do concelho e este pior que o governador civil. Cada uma destas pequenas autoridades pretende ser no seu burgo um rei absoluto e absoluto, e a fim de não ser de vez em quando um bom elemento indicial, quase sempre o melhor da localidade, perseguido constantemente, e condenado a passar na cadeia a maior parte da sua vida se não preferir procurar nas capitais a tranquilidade que a sua terra se lhe tornou impossível. Como exemplo edificante temos o caso ainda há bem pouco tempo se passou no Vale de S. Tiago. O regedor, tendo a meio dúzia de figuras da terra, prendeu, espancou, perseguiu a tiro, obrigou a andar a monte grande número de trabalhadores rurais cujo destino consistia em terem tido parte no anterior movimento grevista. Todos estes crimes foram praticados com absoluta impunidade, e não restou aos segredos rurais outro recurso além de apelar para os seus camaradas de Lisboa pedindo-lhes auxílio e solidariedade, para que a perseguição fosse posto côbro.

As greves

Pessoal dos telefones

Continua ainda a greve do pessoal da Companhia dos Telefones.

O ministro do comércio tentou onestar-se com a direcção da Companhia, o que não conseguiu em virtude de desrespeito o domingo, segundo tradição inglesa, resolvendo o ministro entrevistar novamente a Companhia às 15 horas, avistar-se com a comissão delegada do pessoal para ver se conseguia solucionar o conflito.

Continuam a Companhia intrinsecamente a não aceitar os empregados acusados de desaparecimento dos motores, assim como o não pagamento ao pessoal, dos aumentos reclamados pelo pessoal, mas em que essas tarifas lhe tragam um ganho que chegue para os aumentos de salário e para guardar para si um bom lucro acobertado pelas reclamações do pessoal. Sendo portanto a Companhia a única responsável da continuação do movimento.

Manufactores de Calçado

A assembleia magna da classe apresentou uma resposta dada pela Comissão de Trabalho em que pedia o prolongamento do prazo para a entrada em vigor da tabela aprovada por esta associação, resolvendo manter as resoluções tomadas e para esse efeito como resposta a provocação feita por alguns industriais, não dando trabalho aos operários declarando a greve nas casas Coimbra & C.ª, Lisbonense, Félix, Bastos e Americana. Mais foi resolvido que todos os industriais indemnizassem os seus respectivos operários pelo trabalho que foram produzindo conforme a tabela posta em vigor por esta Associação assim como todos os industriais em cujas oficinas foi declarada a greve, terão que pagar todos os dias que durar o movimento.

Em Setúbal

Metalúrgicos em greve

SETÚBAL, 31.-C.-Por motivo do despedimento injustificado do camarada metalúrgico Alfredo Raúl Almeida, declarou-se em greve o pessoal metalúrgico da fábrica da Sines, 30.-C.-Sob a presidência de José da Costa Pica, secretário da Sines, reuniu a classe Corticeira em grande número, tomando-se conhecimento de dois ofícios em que os industriais declaravam estar prontos a satisfazer os aumentos que fossem resolvidos entre a Federação e a Associação Industrial de Lisboa. Fizera uso da palavra vários camaradas que em face do expediente desenvolveram perante a assembleia o estado em que se encontra o movimento promovido pela Federação, tendo todos aconselhado a máxima solidariedade até completa satisfação das reclamações apresentadas. Também foi asperamente censurado o industrial C. Estevo, por andar dizendo a várias pessoas, que mais um vez os corticeiros vão ser vencidos pela fome!

Por último foi aprovado um protesto contra o procedimento do administrador do Barreiro por ter cercado a sede do sindicato dos corticeiros de forças militares, um voto de confiança à Federação Corticeira e outro ao nosso interno defensor A Batalha.

organização operária da província, fazendo aumentar, por meio da propaganda, o número de indivíduos conscientes em cada localidade para que eles possam impor-se aos ridiculos sobas em cujas mãos a autoridade reside. Sem dúvida que é às capitais, pelo número mais avultado de operários que confluem em si, que compete tomar a vanguarda para a preparação das grandes lutas reivindicadoras. Mas não pode ser de modo nenhum desprezada a colaboração das localidades secundárias, e essa colaboração só será valiosa quando a situação do operário provinciano for modificada para melhor, habilitando-se por esse modo a acompanhar-nos.

As regalias que em Lisboa são gozadas, por exemplo, pelos operários da construção civil não entram ainda a vigorar num grande número de terras do país. Os empregados do comércio andam sujeitos a todos os regimes de trabalho que à desumanidade dos patrões apraz impor-lhes, porque as leis de horário, de descanso, de protecção não são cumpridas, e impõem apenas a vontade do administrador temperada com a dos comerciantes seus amigos ou correligionários.

Esta necessidade dum grande propaganda, intensiva, constante, tenaz, que leve a todos os recantos portugueses a ideia de emancipação, é por todos reconhecida. O trabalhador da província está, mais que o da capital, imbuído de preconceitos, ilindido pela política, dominado pela religião. O clericalismo, que perdeu já tudo nos grandes centros, medra ainda no obscurantismo dos pequenos meios. É preciso esborçá-lo destes seus últimos redutos. É preciso vencer o operário da província que é mais proleto do que o da capital, e mais próximo da miséria. É preciso pôr-lhe diante dos olhos tudo o que de mau a política lhe tem feito, para que ele assim busque novos rumos, caminhos novos, horizontes mais amplos.

A grande obra de esclarecimento a que nos vimos referindo deve tomar desde já um novo incremento. Que os trabalhadores de todo o país deem aos seus capitais o esforço para a luta, para assim poderem também usufruir as vantagens da vitória.

pessoal metalúrgico da firma Daniel & Raimond na sexta-feira última. Conhecendo que foi a respectiva associação de que se pretendia alijar aquele que justificasse tal violência, reuniu a classe em sessão magna e resolveu que uma comissão fosse enviada a referida firma ou os seus representantes a fim de os demoverem de tal procedimento.

Em frente dos supracitados indivíduos, depois da comissão nomeada declinar a sua qualidade e o que ali os levava foi esta mal recebida e sendo-lhe dito que não reconheciam comissões e que se alguma coisa tinham a tratar era com o seu pessoal, mostrando assim que não reconheciam a Associação dos Operários Metalúrgicos e bem assim estava no firme propósito de manter o despedimento do camarada Almeida.

E eis os motivos que levam a Associação dos Operários Metalúrgicos a declarar a greve naquela casa, sendo acatadas as suas resoluções não só por todos os metalúrgicos que ali trabalhavam como também pelo encarregado que imediatamente abandonou o trabalho.

Pedem-nos aqueles nossos camaradas para que nas colunas de A Batalha apelemos para todos os metalúrgicos do país para que não venham trair os seus camaradas em tão justo conflito.

Justo é, pois, que nenhum operário metalúrgico se preste a vir para Setúbal satisfazer os desejos dos Srs. Daniel & Raimond a quem pelo seu procedimento se lhes poderá aplicar como a muitos outros o epiteto de *rocetos*. Haja pois solidariedade.

Corticeiros de Sines

SINES, 30.-C.-Sob a presidência de José da Costa Pica, secretário da Sines, reuniu a classe Corticeira em grande número, tomando-se conhecimento de dois ofícios em que os industriais declaravam estar prontos a satisfazer os aumentos que fossem resolvidos entre a Federação e a Associação Industrial de Lisboa. Fizera uso da palavra vários camaradas que em face do expediente desenvolveram perante a assembleia o estado em que se encontra o movimento promovido pela Federação, tendo todos aconselhado a máxima solidariedade até completa satisfação das reclamações apresentadas. Também foi asperamente censurado o industrial C. Estevo, por andar dizendo a várias pessoas, que mais um vez os corticeiros vão ser vencidos pela fome!

Por último foi aprovado um protesto contra o procedimento do administrador do Barreiro por ter cercado a sede do sindicato dos corticeiros de forças militares, um voto de confiança à Federação Corticeira e outro ao nosso interno defensor A Batalha.

Os comerciantes preconizam o desrespeito à lei

No sábado reuniu a Associação Comercial dos Lojistas, onde se tratou das 8 horas de trabalho.

Em primeiro lugar falou o sr. Apolônio Pereira, justificando a necessidade e urgência em se organizar a Confederação Patronal, pois que se ela hoje existisse poderia afirmar que as 8 horas não seriam cumpridas - custasse lá o que custasse.

Alvaro de Lacerda, delegado dos patrões ao Congresso de Washington, informou que as 8 horas para o comércio e agricultura não tinham sido lá aprovadas. Como é naturalíssimo, estas declarações foram recebidas com jubilo no meio de grandes salvas de palmas.

O delegado dos retalhistas, depois de repetir imensas vezes a mesma coisa, com manifesto enfado da assembleia, apresentou uma moção em que preconizava o desrespeito às leis 5516 e 6121, desde hoje em diante, e o acatamento à lei 295, de 1915.

Segue-se-lhe o sr. Ribas de Avelar num discurso todo inflamado, dizendo não concordar com a moção porque a classe é medrosa e covarde, fazendo ver aos colegas se não se lembravam de que tinham vidros nas montanhas. Ataca o sr. Ramada Curto, ministro do trabalho, chamando-lhe adorador de Bicho e que é um verdadeiro burguês, porque passava as noites no jogo e no Tavares, quando ele, orador, nessas horas ainda trabalha. Na sala e fora dela levantou-se grande zaragata com o discurso do sr. Ribas, chegando quase a emburhar-se tudo. Preconizou a união da classe para depois se movimentarem.

Na mesma ordem de ideias, fala o sr. Alfredo Ferreira, afirmando concordar com o não cumprimento das leis citadas, nas condições, porém, de que esse desrespeito não devia ser aconselhado pela organização, mas sim todos os comerciantes, individualmente, tomarem esse compromisso de hoje em diante.

Diz que a Confederação está fazendo muita falta, pois que, uma vez organizada, o comércio, legal e secretamente, há de fazer vingar todas as suas aspirações.

Falaram ainda vários comerciantes, que defenderam o desrespeito às 8 horas de trabalho.

O sr. J. Marques, levantando-se como um louco, desata em vivas à República e outros e faz um gagueado discurso, sentando-se no final, muito cansado.

Por último volta a falar o sr. Ribas de Avelar, apresentando uma proposta que tendia à demissão do sr. Ramada Curto, dando pelo sr. Domingos Pereira, caso este concordasse.

Nesta reunião, em que até o sr. Ginja da Costa Lima instigou a classe a sair do reformismo, só se notou o desejo dos comerciantes em desrespeitar todas as leis. Não admira que assim procedam, porque já não é de agora que trilharam esse caminho. Quando foi que eles cumpriram leis? Nesse ponto são privilegiados e as leis só se fazem cumprir quando são prejudiciais para o povo.

Atentem nisto os empregados no comércio, que sabemos aguardar, serena mas altivamente, os acontecimentos, realizando na próxima quarta-feira, uma reunião magna, pelas 21 horas, na rua António Maria Cardoso, 20, 1.º

A gripe devastadora

NEW-YORK, 1.-A epidemia da gripe propaga-se de uma maneira assustadora. Ontem registaram-se 5.589 casos. Desde os princípios de Janeiro houve 19.763 pessoas atacadas. -Rádio.

60 casos de gripe a bordo dum transatlântico

LONDRES, 30.-Um transatlântico "Kaiserin Augusta Vitória" recentemente chegado a Plymouth, manifestaram-se 60 casos de gripe. -Rádio.

NA ALEMANHA

Quem são os culpados da guerra?

BERLIM, 31.-A Associação dos oficiais alemães protestou contra o pedido de extradição do ex-imperador Guilherme e reclamou que se estabeleça uma lista das atrocidades cometidas pelos culpados dos países aliados a fim de serem julgados por tribunais internacionais. Por outro lado, a Associação dos oficiais pede também que a Alemanha inicie a publicação de documentos secretos. -Rádio.

Os operários calafates e um artigo do "Portugal"

Tendo a associação dos calafates conhecimento de um artigo publicado no jornal *Portugal*, de 17 do corrente, sob o título de "Calafates contra Calafates", artigo originado por uma palestra dada em uma redacção daquela jornal e o sr. Terlo, de nacionalidade russa, que em parte ofende a dignidade profissional destes operários, resolveu o referido sindicato enviar à redacção do mesmo periódico, um ofício protestando contra a publicação de tal artigo.

De resto este sindicato não acha a redacção do dito jornal abalizada para tratar dum assunto que, pelo mesmo artigo, se vê perfeitamente desconhecer em absoluto.

NOTAS & IMPRESSÕES

Houve um dia destes espectáculo variado em São Bento. São Bento é, como se sabe, o templo angusto do Legislativo onde se fala de tudo, onde se discute de tudo e onde nada se faz, a não ser fiasco. Fazer fiasco é já alguma coisa, e algumas criaturas que por lá coçam as calças nem isso desgraciadamente sabem fazer, porque é tal o meduncho de abrir o bico ou arriscar um gesto que não votam nem pedem a palavra, nem sequer se levantam quando veem os outros levantar-se, nem bolem no confortável *fauteuil* para que não chamem sobre si as atenções gerais. Trata-se por lá de tudo quando não é preciso, começando o edifício ele-mesmo por não ser preciso para coisa alguma, e chega a passar-se uma tarde, duas tardes, três, quatro em amável cavaqueira, por vezes transformada em pancadaria de criar bicho, para resolver qualquer ponto que com meia hora ou três quartos de hora de raciocínio ficaria resolvido. Não há, todavia, grande mal em que os ilustres membros camarários cigarreiros o tempo em frioleiras de somenos. Tanto faz que eles andem como se deixem ficar; o resultado prático é um e sempre o mesmo - zero.

Depois, aquela atmosfera tépida, aquela ar penumbroso, conchegado, *d'invasion à sonnerie*, produz uma tal lassidão nos ilustres patriotas que nos sugam as massas, matematicamente, com uma certa cronométrica, que, às duas por três, deixam escapar pela boca fora os mais agraçados disparates, as mais engraçadas asneiras, as mais divertidas cavalcades. Assim é que, um dia destes, houve espectáculo variado em São Bento. Não se falou de assambarcadores, não se falou da lei das oito horas, não se falou da subvenção aos parlamentares, não se falou da "propaganda perniciosa" dos *indisparables* - falouse de Arte. Um senhor senador, estomagado com a falta de brilho que notou no olhar do actor Brazão, levantou-se - porque é falta de polimento perorar sentado - e indignadamente produziu uma oração vemente como burro, que a Câmara escutou blagueando, como é seu costume. Principiou o patriota a tanto por mês por se referir à falta de luz exterior no teatro Nacional e acabou por falar da luz interior - quer dizer, do olhar pouco iluminado do ilustre intérprete ao *Hamlet*. No fundo, o protesto do sr. Julio, no senado, foi um protesto luminoso, com o qual o sr. Ribeiro provou aos seus eleitores que tem lume no olho, e que não admite que um actor não o possuindo - na sua opinião - venha para um tablado secularmente representar a *Morgadinha de Val-flor*. Artisticamente, para o Larey de São Bento o actor Eduardo Brazão é um morto. «As glórias que conseguem são por um longo tempo pertencem mais ao silêncio dos museus que ao bulício da vida». O actor deveria, pois, retirar-se a um museu, visto que não tem nos olhos o bico Auer indispensável para fazer o galan da peça de Pinheiro Chagas. O diabo é o senador!

Evidentemente - vamos lá a falar nisto a sério - o actor Eduardo Brazão não é uma criança; tem 70. E, fora de dúvida, não é tam grande interpretando o *Luis Fernandes* como *Xean*, o cardeal *Rufy* ou o *Hamlet*. Não é, mas nunca o foi, mesmo na sua juventude, por certo. Nestes papeis, atingiu o actor máximo grau de perfeição, até hoje ainda não excedido, apesar da idade; e nunca ninguém se lembrou de dizer, nem mesmo o senador Ribeiro que ele não tinha o olhar falcante de mocidade. E o histórico príncipe, que o grande comediante ainda hoje faz de forma que não tem quem o iguale, deve ser mais moço do que o *Luis Fernandes*.

O sr. senador, contagiado certamente pela influência falcante do hericimido da verborrêa, veio depois para as gazetas dizer à gente que seria preciso que um mágico tirasse da pele encarquilhada do artista, 50 anos, pelo menos. Pelo menos, notem bem, ó meus senhores. De modo que, tendo o actor 70, e fazendo uma simples operação aritmética - muito mais simples do que a aplicação do *brilhómetro* aos olhos de qualquer cidadão - verifica-se, não sem arregalamos os nossos, que o irritável parlamentar desejaria colaborar com o autor da *Morgadinha*, dando ao amocoso pintor apenas 20 anos, quando Pinheiro Chagas, sem ter pedido a opinião do sr. Julio Ribeiro, lhe deu nada menos de 42 - se não estou em erro. Ora, em teatro, uma diferença de 28 anos é uma brincadeira para um actor que se preza. Velhas de 80 tem feito, nos nossos dias, com uma perfeição admirável, a sr. D. Maria Matos, que talvez ainda não tenha 30.

De duas uma. Ou o senador-esteta esteve a chuchar com a tropa ou tem tam obliterado o sentimento artístico que acha, naturalmente, mais estético o movimento nervoso dum mão agitando um pau de bater bates, martelando sem descansa a escavacada e inofensiva carteira parlamentar, cujo concerto nós temos depois de grimar com língua de Antero de LIMA

OS JOVENS SINDICALISTAS

Um apelo do "Despertar,"

No segundo número do *Despertar*, que acabamos de receber, lemos o seguinte apelo, de todo o ponto justo, que recomendamos a consideração de todo o proletariado organizado:

"Camaradas! Há quatro meses que se encontram a ferros desta democracia república, nove camaradas, acusados do grande crime de assistirem a uma sessão contra a carestia da vida. Até agora tem a U. J. S. P. com as queixas abertas entre o operariado, auxiliado esses camaradas, mas esses recursos encontram-se actualmente esgotados e os nossos camaradas sofrem as maiores necessidades. Por consequência, necessário se torna que os camaradas conscientes e em especial a mocidade sindicalista, nos venham trazer o seu auxílio monetário, a fim de que a esses camaradas não falte o conforto da nossa solidariedade.

Para isso, encontrar-se há na sede da U. J. S. P., todos os dias, uma comissão especial que atenderá todos os camaradas que queiram socorrer as vítimas da burguesia republicana."

A situação política

O sr. Ramada Curto periclitante Desmentem-se os boatos de demissão do ministro do trabalho. Entretanto não se julga segura a permanência do sr. Ramada Curto no governo, não pela atitude do seu partido contra ele como pela questão do horário de trabalho, pois as classes burguesas estão hostilizando a salutar acção do titular da pasta do trabalho, no que se refere à execução da lei das 8 horas.

A favor de "A Batalha"

A festa em Olhão Segundo nos comunhão o nosso correspondente em Olhão, a festa que estava sendo organizada pelos elementos operários da importante vila algarvia a favor deste jornal, teve de ser adiada, por motivos imprevistos, para 7 de Fevereiro próximo.

A protecção aos grandes assam-breadores...

A policia de investigação criminal devolveu à direcção geral da fiscalização dos produtos agrícolas todos os processos referentes às apreensões nos armazéns da Exploração do Porto de Lisboa, que pela mesma direcção geral lhe tinham sido remetidos, por não estarem compreendidos na lei dos assam-breadores.

Voltei à Tutoria. Mais uma vez a sineta, aquela sineta de cemitério, a regular a entrada dos visitantes. Pensei naquela criança que ouvira tais cousas que reconser mau ou fazer-se até um pequenino ladrão, e a ideia de cemitério acentua-se no meu espírito. A Tutoria afigurava-se-me um sepulcro de almas mortas para o bem, de crianças apodrecendo, absorvidas pelas piores promiscuidades.

Entrei. Um porteiro inconcebível absorve-me a atenção, e enquanto não chega a hora da visita, observo-o implacavelmente, porque o homem merece-o, como vão ver. Se Edgar Goe tivesse visto, acreditem, cogitaria em três dias um plano de rapto, fugiriam, dissecá-lo ia, e havíamos de vê-lo depois numa novela extraordinária.

Do fato preto, de uma negrura e configuração de gato fustigado, emerge a sua cabeça esférica, meia oculta por um côco arqueológico, cuja alaz trezeira lhe roçava quasi a gola do casaco. O rosto - um carão ressequido, insano - suporta um par de olhos muito vivos, a brilhar do fundo obscuro das órbitas, e o cavado excessivo destas ainda mais exagerava o já enorme nariz, caprichosamente grosso e pontagudo. As pernas - mas onde iriam eles desencantar este porteiro? - sempre que delas fazia uso, desengonçavam-se, encarquilhavam-se. Quando parava, conservava-se sempre abertas como pontas de compasso, e os braços e o tronco, balanceando sempre, davam assim a ideia de um abutre derredor, coxeando, ou cambaleando por efeito de uma destas experimentais partidas, trivialíssimas nos homens de ciência.

Seria o fantasma da expiação dos rapazes?... Seria... Mas onde me arrastaria a cogitação, se o patife não se encontrasse vazio, e todos os visitantes, já a caminho da cerca, encunçados no corredor?... A frente, a mesma scena do número, o número onde a criança pendurou a sua personalidade, a mesma ansiedade das famílias, e a mesmíssima, a eterna inflexibilidade do guarda.

Alcança a cerca, e outra vez aquilo. "Sigam... Sigam..." a penetrar-nos a alma, como pancadas de torções esbordoando-se sobre o caixão de um morto querido. Estou de novo no barracão, aguardando aquele embate de afectos, aquela revolta afogada em lágrimas. Os rapazes estão em frente da porta, formando uma fiada de cabeças rapadas, sobressaindo da massa azulada das suas blusas de ganga. Esperam a ordem de avançar; as famílias vêm-nos, n'esta demora, este tantinho suplicio, abrem-lhes claridades, e os seus protestos, os seus comentários dolorosos, sobem, sobem muito alto, e alcançam, numa intuição maravilhosa, as grandes sínteses psicológicas, dos Ferri, dos Proal, dos Binet.

Cotadinhol... Parecem mesmo uns assassinos. Olhem como eles estão... Aquilo é bom para homens, para aqueles enfim, que sejam maus, pois não é verdade? Cotadinhol, eu não posso vê-los, não posso porque são umas crianças e ainda não podem ser maus... Não podem... E que o fosse?... Não era aqui que os deveriam educar?... Mas não, tratam-nos como criminosos... E fazem-nos. Sim, cá é que eles se fazem... Ah! Eu não posso vê-los... Não posso... Deixem-me passar... Deixem-me passar.

E uma senhora de gabardine, o seu rosto, semi-oculto por um véu arroxoado, ainda mais a vez destacar da multidão de mulheres do povo que abrem luta para a deixar passar. Elas próprias sentem o contraste, e do cochilar que se segue, algumas palavras chegam distintamente aos meus ouvidos.

— Aquela senhora... Aquela senhora... Aquí há coisa! Então essa gente também cá tem os filhos?... Ah!... Naturalmente...

— Af veem eles!... Af veem eles!... Depois da explosão de ajeitos, das sôrgas carícias, das interjeições lacrimosas, sentados todos, embevecidos, prostrados pela fadiga da comocção, dispostamente, eu vou puxando nesse recolhimento suave, deslizando ao longo dos grupos enlaçados.

— Tu não comes?... diz uma rapariga de 12 a 14 anos, que, pelas feições, me parece a irmã do pequenino presidente, que lhe encosta a cabeça no ombro, e se deixa beijar comovidamente.

— Como depois.

Fica pensativo, os olhos perdidos no espaço, em busca dum ponto, talvez a projecção dos seus pensamentos.

— Porque não comes aqui?

— E' para repartir com os outros que ficaram lá fora, os que não tem ninguém que os venha ver...

A irmã, e talvez a tia, voltam a cara, e eu vejo os lenços encobridores-lhes os olhos lacrimosos. Atrás de mim vejo o rapaz a senhora de gabardine. Olha o rapaz num sorriso envolvente e pára, acariciando-o.

— Que olhar tam meigo, cotadinhol! Porquê choram ainda? Mas então é lá mau?... Ah! - Mas não pode ser, pois não?... Com a mão no queixo, obriga-o a levantar docemente a cabeça.

— Tu não és mau, pois não? Dize... Pois não?... Contam-lhe a scena que as emoções. O rapaz é mais uma vez acariciado, depois beijado, e a senhora de gabardine afasta-se, com o lenço nos olhos, e eiço-lhe ainda:

— Ah!... Se compreendessem bem os sentimentos das crianças, o que não fa-

PELA ASSISTÊNCIA!

Voltei à Tutoria. Mais uma vez a sineta, aquela sineta de cemitério, a regular a entrada dos visitantes.

Pensei naquela criança que ouvira tais cousas que reconser mau ou fazer-se até um pequenino ladrão, e a ideia de cemitério acentua-se no meu espírito. A Tutoria afigurava-se-me um sepulcro de almas mortas para o bem, de crianças apodrecendo, absorvidas pelas piores promiscuidades.

Entrei. Um porteiro inconcebível absorve-me a atenção, e enquanto não chega a hora da visita, observo-o implacavelmente, porque o homem merece-o, como vão ver. Se Edgar Goe tivesse visto, acreditem, cogitaria em três dias um plano de rapto, fugiriam, dissecá-lo ia, e havíamos de vê-lo depois numa novela extraordinária.

Do fato preto, de uma negrura e configuração de gato fustigado, emerge a sua cabeça esférica, meia oculta por um côco arqueológico, cuja alaz trezeira lhe roçava quasi a gola do casaco. O rosto - um carão ressequido, insano - suporta um par de olhos muito vivos, a brilhar do fundo obscuro das órbitas, e o cavado excessivo destas ainda mais exagerava o já enorme nariz, caprichosamente grosso e pontagudo. As pernas - mas onde iriam eles desencantar este porteiro? - sempre que delas fazia uso, desengonçavam-se, encarquilhavam-se. Quando parava, conservava-se sempre abertas como pontas de compasso, e os braços e o tronco, balanceando sempre, davam assim a ideia de um abutre derredor, coxeando, ou cambaleando por efeito de uma destas experimentais partidas, trivialíssimas nos homens de ciência.

Seria o fantasma da expiação dos rapazes?... Seria... Mas onde me arrastaria a cogitação, se o patife não se encontrasse vazio, e todos os visitantes, já a caminho da cerca, encunçados no corredor?... A frente, a mesma scena do número, o número onde a criança pendurou a sua personalidade, a mesma ansiedade das famílias, e a mesmíssima, a eterna inflexibilidade do guarda.

Alcança a cerca, e outra vez aquilo. "Sigam... Sigam..." a penetrar-nos a alma, como pancadas de torções esbordoando-se sobre o caixão de um morto querido. Estou de novo no barracão, aguardando aquele embate de afectos, aquela revolta afogada em lágrimas. Os rapazes estão em frente da porta, formando uma fiada de cabeças rapadas, sobressaindo da massa azulada das suas blusas de ganga. Esperam a ordem de avançar; as famílias vêm-nos, n'esta demora, este tantinho suplicio, abrem-lhes claridades, e os seus protestos, os seus comentários dolorosos, sobem, sobem muito alto, e alcançam, numa intuição maravilhosa, as grandes sínteses psicológicas, dos Ferri, dos Proal, dos Binet.

Cotadinhol... Parecem mesmo uns assassinos. Olhem como eles estão... Aquilo é bom para homens, para aqueles enfim, que sejam maus, pois não é verdade? Cotadinhol, eu não posso vê-los, não posso porque são umas crianças e ainda não podem ser maus... Não podem... E que o fosse?... Não era aqui que os deveriam educar?... Mas não, tratam-nos como criminosos... E fazem-nos. Sim, cá é que eles se fazem... Ah! Eu não posso vê-los... Não posso... Deixem-me passar... Deixem-me passar.

E uma senhora de gabardine, o seu rosto, semi-oculto por um véu arroxoado, ainda mais a vez destacar da multidão de mulheres do povo que abrem luta para a deixar passar. Elas próprias sentem o contraste, e do cochilar que se segue, algumas palavras chegam distintamente aos meus ouvidos.

— Aquela senhora... Aquela senhora... Aquí há coisa! Então essa gente também cá tem os filhos?... Ah!... Naturalmente...

— Af veem eles!... Af veem eles!... Depois da explosão de ajeitos, das sôrgas carícias, das interjeições lacrimosas, sentados todos, embevecidos, prostrados pela fadiga da comocção, dispostamente, eu vou puxando nesse recolhimento suave, deslizando ao longo dos grupos enlaçados.

— Tu não comes?... diz uma rapariga de 12 a 14 anos, que, pelas feições, me parece a irmã do pequenino presidente, que lhe encosta a cabeça no ombro, e se deixa beijar comovidamente.

— Como depois.

Fica pensativo, os olhos perdidos no espaço, em busca dum ponto, talvez a projecção dos seus pensamentos.

— Porque não comes aqui?

— E' para repartir com os outros que ficaram lá fora, os que não tem ninguém que os venha ver...

A irmã, e talvez a tia, voltam a cara, e eu vejo os lenços encobridores-lhes os olhos lacrimosos. Atrás de mim vejo o rapaz a senhora de gabardine. Olha o rapaz num sorriso envolvente e pára, acariciando-o.

— Que olhar tam meigo, cotadinhol! Porquê choram ainda? Mas então é lá mau?... Ah! - Mas não pode ser, pois não?... Com a mão no queixo, obriga-o a levantar docemente a cabeça.

— Tu não és mau, pois não? Dize... Pois não?... Contam-lhe a scena que as emoções. O rapaz é mais uma vez acariciado, depois beijado, e a senhora de gabardine afasta-se, com o lenço nos olhos, e eiço-lhe ainda:

— Ah!... Se compreendessem bem os sentimentos das crianças, o que não fa-

riam delas!... Assim... Cotadinhol... Cotadinhol!...

Apoderei-me de um segredo familiar, uma verdadeira infâmia, que é talvez a história de todos os internados. Pelo menos tudo assim o indica. Entre todos os rapazes, onde supinha encontrar fronteas bosseladas, estrabismos, ou beijos finíssimos e rachados, verifiquei, ao contrário, a presença de muitas feições regulares, a atestar uma dilignescência luzaz, acidental, e que ou a falta de carinho, o lodo do lar, ou segretos desejos de pais canhaes, os arremessou para aquela escola de... verdadeiros criminosos.

Outras vezes são os pais iludidos, com uma suposta educação dos filhos, miseráveis parentes, fazem das crianças uma rendosa indústria.

E' este o caso de que lhes vou falar. E' este o caso que envolve o internato número 5.

II

Voltei à Tutoria. Mais uma vez a sineta, aquela sineta de cemitério, a regular a entrada dos visitantes.

Pensei naquela criança que ouvira tais cousas que reconser mau ou fazer-se até um pequenino ladrão, e a ideia de cemitério acentua-se no meu espírito.

